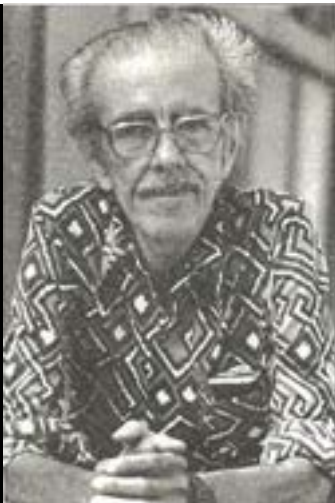


NELSON ARAÚJO

E AS RAÍZES CULTURAIS POPULARES DA BAHIA

Paulo Atto



Suplemento 4 | Teatro e Sertão

boca de cena

Revista de Artes Cênicas da Bahia / Oco Teatro Laboratório

CASA EDITORA:



CASA PRODUTORA:



REALIZAÇÃO:



Esta edição da revista Boca de Cena - Suplemento, tem apoio financeiro do Estado da Bahia, através da Secretaria de Cultura e da Fundação Cultural do Estado da Bahia (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

NELSON ARAÚJO E AS RAÍZES  
CULTURAIS POPULARES DA BAHIA

Paulo Atto

A amálgama produzida pelo encontro das tradições culturais e religiosas que deram origem à diversidade cultural brasileira foram provenientes dos elementos indígenas autóctones, dos africanos escravizados e do colonizador europeu português, que se iniciou no período do Brasil-Colônia. Séculos de história e de encontros construíram uma memória e um vasto material preservados sobretudo pela oralidade, mas também pelo registro em diversas formas e linguagens, inseridas nos corpos e em saberes, em festas, folguedos e manifestações diversas muitas das quais de natureza dramática. A origem destas formas dramáticas, é amplamente sabido, vem trazida pelos jesuítas como

estratégia de catequese, como afirmam os autores José Arrabal e Mariângela Alves de Lima:

É um teatro que começa, desde o seu primeiro momento, como instrumento para a conversão religiosa. E que mantém, ao longo do tempo, um desejo obsessivo de ser instrumento de salvação da alma e do corpo, da identidade e do sentido.

Digamos que a vontade de um teatro nacional e popular percorra todos esses caminhos onde os homens de teatro pensaram seu ofício, rodeando a prática por discursos que falam de raízes, de realidades concretas, de projetos de unificação para eliminar, de uma vez por todas, as partições sociais com a ajuda do diálogo da cena (*ARRABAL e LIMA, 1982, sem página*).

Teatro e cultura popular, teatro de cultura popular ou apenas

teatro popular são expressões que possivelmente carregam consigo a ideia de uma cena teatral construída a partir das tradições populares brasileiras, ou seja, a partir de suas raízes, fonte da tessitura de identidades em um país continental com sua multiplicidade de territórios, cenários e indivíduos, que não se restringe a uma ou várias estratégias de construção de uma cena dita popular ou à apreensão de uma série de formas populares de expressões culturais do Brasil pelo teatro.

Na Bahia, território primordial de encontros e choques das três correntes étnicas formadoras da cultura brasileira, há uma riqueza e uma diversidade de bens, manifestações e patrimônio imaterial numa pluralidade de expressões que merece certamente um olhar especial. A realidade das

escolas de teatro das universidades brasileiras, em geral, aponta que são orientadas para uma construção exclusivamente eurocêntrica dos currículos e programas de cursos, embora devamos reconhecer algumas iniciativas, ainda que restritas, inclusive no âmbito da própria UFBA, de uma abordagem mais ampla da cultura brasileira, de modo que o teatro, no Brasil, possa refletir a nossa cultura e que possibilite sua maior representatividade na cena teatral brasileira.

Neste contexto, há uma figura que desenvolveu um trabalho gigantesco, para o qual dedicou toda a sua vida, denominado pelo ator, dançarino e músico Antônio Nóbrega, como ‘um apóstolo da cultura popular na Bahia’ (*Boca de Cena, número 4, p. 9*). Trata-se do Prof. Nelson de Araújo, ao qual dedicamos este suplemento

da Revista Boca de Cena Número 4. Nélson Correia de Araújo foi um talentoso homem das artes e da comunicação, atuando como jornalista, tradutor, editor, teatrólogo, ensaísta, cronista, romancista, folclorista e um incansável pesquisador da cultura popular que nasceu na pequena cidade de Capela, em Sergipe, a 04 de setembro de 1926. Segundo o autor:

Desde pequeno, a curiosidade despontou para epopeias em folhetos de cordel, lendas de botijas e lobisomens, histórias sobre pastores e gente de circo. Rapaz, interessou-se vivamente pelo rádio, sintonizando emissoras de todo o mundo, o que levou-o a desenvolver aprendizado de idiomas estrangeiros (*GUTEMBERG, 2006, sem página*).

Passa a residir em Salvador na década de 1940, do século passado, onde

termina ingressando na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia como professor, no ambiente da instituição além das atividades docentes desenvolveu suas pesquisas sobre a cultura e as manifestações populares da Bahia. Também atuou como jornalista em muitos órgãos da imprensa tanto na Bahia como em seu estado natal, Sergipe. Trabalhou na redação do jornal A Tarde, onde foi responsável pela tradução de telegramas e atuou também como colaborador.

No ano de 1957, publicou o seu primeiro livro, Um Acidente na Estrada e Outras Histórias, tendo recebido o Prêmio Gerhard Meyer Suerdieck. Já em 1959, envereda pela dramaturgia e publica sua peça de teatro A Companhia das Índias, que foi levada a cena pelo diretor e cineasta Orlando Senna tendo no elenco as



saudosas Nilda Spencer e Conceição Senna, e também Deolindo Checucci que, muitos anos depois, entre 1992 e 1993, irá dirigir O Pássaro Preto, de Nelson Araújo juntamente com o texto A Namorada de Claudio Simões. Ainda sobre a peça A Companhia das Índias, encontramos um importante depoimento do jornalista sergipano Marcos Cardoso sobre a influência do texto teatral na obra do cineasta Glauber Rocha, onde afirma que a peça “cuja primeira publicação, em 1959, pela editora Progresso, foi visto “com olhos de excessiva generosidade pelo meu bom amigo Glauber Rocha”, segundo observava (*a história começou a ser escrita em Aracaju em 1956*). Efetivamente, na sua primeira forma, o texto inspirou Glauber e disso deixou o cineasta documento escrito e a confirmação em Terra em Transe (<https://infonet.com.br/>

*blogs/aos-19-anos-da-morte-de-nelson-de-araujo/*).

Dando continuidade à sua intensa atividade editorial, juntamente com o prof. Milton Santos, criou, em 1960, a Coleção Tule, seção editorial da Imprensa Oficial da Bahia. Já em 1965, foi um dos editores da Coleção Imagens e Documentos, e co-fundador da Revista Afro-Ásia, do CEAO - Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA e, em 1967, inicia a publicação da Coleção Recôncavo, do Museu Wanderley Pinho. Nesse mesmo período, foi convidado para lecionar as disciplinas História do Teatro e Expressões Dramáticas do Folclore Brasileiro na Universidade Federal da Bahia, disciplina da qual foi pioneiro nas universidades brasileiras.

No final dos anos 1970, produziu nova produção em dramaturgia. Os

textos *Rosarosae*, *rosaerosa* e *Auto do Tempo e da Fé*. A experiência acadêmica leva-o a produzir uma de suas principais obras, ainda utilizada em muitos cursos de graduação de teatro pelo Brasil afora, o volume *História do Teatro*. Além desta obra fundamental em sua carreira acadêmica, também publicou *Alguns Aspectos do Teatro no Brasil nos séculos XVIII e XIX*, *Duas Formas de Teatro Popular do Recôncavo Baiano* e *O Baile Pastoril na Bahia*, onde inicia um caminho pelo qual enveredou e não se afastou mais durante toda a sua vida intelectual, dedicando-se à pesquisa das formas populares de expressão teatral, cultural e artística da Bahia.

A paixão pela cultura popular leva-o também à produção de textos de ficção que mergulham em temas ligados a este universo da cultura do

povo baiano, como as novelas *O Império do Divino* visto pelos olhos de Pisa-Mansinho e *Vida, paixão e morte republicana* de Don Ramón Fernández y Fernández e *Aventuras de um caçador de arcas em terras, mar e sonho* que, reunidas em um só volume, foram publicadas, em 1987, pela Editora Ianamá com o título de *Três novelas do povo baiano*. O escritor Jorge Amado declara a importância da produção intelectual e também literária de Prof. Nelson na oportunidade da publicação do livro. Afirmam Amado: “Aqui estamos diante de um mestre da ficção brasileira, um contista dos melhores da nossa atual literatura, sem falar nas outras artes literárias que exerce com igual competência: a dramaturgia e o ensaio – o ensaio e a história do teatro.” *(Apresentação de O Império do*

*Divino visto pelos olhos de Pisamansinho, na Academia de Letras da Bahia)*

Na mesma década de 1980, a sua produção continua em alta com as obras *A Percepção da Realidade Africana no Brasil* publicada pela Nova Renascença, em Portugal, e publicada por *La Nacion*, na Argentina (1981) com o título *La Percepcion de la Realidade Africana en el Brasil*. Cria também, neste período, a série de edições *Ensaio/Pesquisa*, o volume *Melpômene e Clio (de ensaios)* e *O Teatro do Pobre: Notas de Cultura Popular*. É então nomeado diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA onde promoveu eventos acadêmicos importantes sobre as contribuições da cultura negra para a cultura baiana. No ano de 1982, recebeu o Troféu

Martim Gonçalves, como prêmio pelo conjunto de suas obras sobre teatro e, em 1985, recebeu merecidamente da Câmara Municipal o título de Cidadão da Cidade de Salvador.

No ano de 1990, a EGBA - Empresa Gráfica da Bahia reúne e publica Teatro: quatro textos para encenação reunindo seu primeiro texto teatral, A Companhia das Índias, a peça em um ato Joana Angélica (na verdade uma adaptação do conto de sua própria autoria), Um homem maduro para a morte e A guerra de Magali em São Jorge dos Ilhéus, baseado em fato histórico ocorrido em Ilhéus em 1907. Prof. Nelson, como gostava de ser chamado, também seguiu sua atividade de tradutor tendo traduzido um grande número de textos de teatro como por exemplo Macbeth, de W. Shakespeare.

O professor foi um grande

pesquisador, senão o maior, sobre as manifestações dramáticas e outros bens da cultura popular da Bahia, que inicia suas investigações pelo recôncavo baiano e que logo vão se ramificar e adentrar por outros territórios e regiões encontrando, catalogando e analisando numeroso e rico patrimônio imaterial da Bahia. Neste período de trabalho encontra uma aluna da Escola de Teatro que o irá acompanhar entusiasmamente pelos interiores baianos como a fiel escudeira de um Quixote que vê muito além do que lhe é apresentado e está à frente de seu tempo. Em entrevista a esta revista, a produtora e atriz Selma Santos fala sobre esta relação especial com Prof. Nelson de Araújo e sobre o seu papel na pesquisa realizada pelo mestre, assim declara:

Meu primeiro encontro com o Professor Néilson de Araújo foi na

disciplina Folclore, no Curso de Interpretação Teatral da UFBA, do qual fui sua aluna. Menina vinda do interior e acostumada às manifestações da cultura popular, logo me interessei muito pela disciplina e narrava ao Professor o que acontecia na minha cidade, Conceição do Almeida, no recôncavo baiano, território de colonização italiana que possuía 75% da sua população formada por negros. O professor ficou tão impressionado com as minhas narrativas, que se interessou em conhecer a cidade e algumas dessas manifestações. Assim, organizamos uma viagem e visitamos minha cidade natal. Ele então conheceu “in loco” algumas modalidades de samba (*Depoimento dado em entrevista ao autor*).

Selma Santos, então aluna da escola e bolsista de pesquisa do CNPq,



acompanhou o professor em quase todas as suas incursões e pesquisas de campo, e acredita que esta primeira visita a Conceição do Almeida foi essencial relata:

Acredito que a visita à Conceição do Almeida, foi fundamental para ele criar o projeto de mapeamento cultural do Estado, resultando nos 3 volumes do PEQUENOS MUNDOS – Um Panorama da Cultura Popular da Bahia, do qual o primeiro volume é justamente dedicado ao recôncavo baiano e onde o município de Conceição do Almeida tem destaque (*Depoimento dado em entrevista ao autor*).

Os dois primeiros volumes desta coleção foram publicados em conjunto pela Casa de Jorge Amado e pela UFBA. Sobre o que ele assistiu no Almeida, guiado pela sua aluna, escreveu: “Por força daquela densidade de população

negra, é Conceição do Almeida um dos grandes redutos da dança profana mais bela da Bahia, o samba-de-roda, lá em extraordinários matizes musicais, coreográficos e literários.” (ARAÚJO, 1986, p.144)

Desta forma, além de uma relação de trabalho, nasce também uma relação de amizade, depõe Selma:

A partir daí a nossa amizade se concretizou ao ponto dele e a esposa ficarem na casa da minha família sempre que ele ia visitar a cidade estreitando assim os laços entre as nossas famílias. Fui a sua principal aluna na pesquisa sobre o mapeamento e participei de quase todas as viagens (*Depoimento dado em entrevista ao autor*).

E ainda afirma que guarda em sua memória uma frase dele que nunca esqueceu:

A Escola de Teatro da UFBA não sai do

Canela. Numa evidente alusão de que a ETUFBA olhava apenas para o seu próprio umbigo. Durante um período, já próximo da aposentadoria, ele dava aulas na entrada da Escola, na área próxima à cantina. Já não subia ao prédio da escola na Araújo Pinho. *(Depoimento dado em entrevista ao autor)*

O carinho do mestre pelos alunos que participavam das suas pesquisas fica claro na dedicatória do volume Oliveira dos Campinhos – Passado e presente de um arraial do recôncavo, onde escreve e expressa os seus agradecimentos:

Este é um trabalho coletivo, para o qual contribuíram Selma Santos e Martha Maria Serrano, estudantes da Escola de Teatro da UFBA, bolsistas do CNPq, nas fases de coleta de dados de campo e da pesquisa bibliográfica, bem como o estudante Mário César

Menezes Araújo. (ARAÚJO,1991, p. não numerada)

Desta forma, encontrando alunos que aderiram ao seu projeto de investigação sobre as formas populares existentes nos diversos territórios baianos, nasce o Grupo de Estudos do Teatro Popular, através do qual Nelson de Araújo efetuou pesquisas nas várias regiões do estado da Bahia. O trabalho de investigação e registro produz uma coleção em três volumes denominada Pequenos Mundos– Um panorama da cultura popular da Bahia. O volume I é dedicado justamente ao recôncavo onde a pesquisa foi iniciada (*publicado em 1986*), o segundo volume cobre a área do Litoral Norte/Nordeste, região do São Francisco, Chapada Diamantina e Serra Geral da Bahia (*sendo publicado em 1988*) e do terceiro volume fazem parte as regiões dos Tabuleiros de Valença,

a região cacauceira e extremo sul, a região pastoril e o extremo oeste. A publicação do terceiro volume só foi possível em 1996, três anos após sua morte, num esforço conjunto da Secretaria de Cultura e Turismo do Estado da Bahia, a UFBA e a Fundação Casa de Jorge Amado.

Os três volumes são importantes registros de manifestações populares captadas em sua dinâmica e nos contextos socioculturais em que aconteciam, e permanecem como testemunho da nossa diversidade cultural, representando ainda hoje um marco sobre a dicotomia entre o teatro brasileiro e as raízes dramáticas da nossa cultura popular, que embora, tão rica e diversa não encontra os caminhos dos nossos palcos nem dramaturgos interessados em mergulhar neste universo salvo honrosas exceções.

O consagrado diretor e dramaturgo Deolindo Checcucci, que enveredou em muitas de suas montagens por uma abordagem de personagens e histórias populares, como O voo da Asa Branca, A Mulher de Roxo, Maria Quitéria e Irmã Dulce, e que possui uma trajetória consagrada no teatro da Bahia, foi aluno de Prof. Nelson de Araújo e depois seu colega, ao ingressar no corpo docente da Escola de Teatro da UFBA. Atuou no texto de Nelson A Companhia das Índias e nos dá um testemunho exclusivo sobre a personalidade e a importância do pesquisador para a nossa cultura, como se vê:

Nélson de Araújo é uma personalidade importante para a cultura na Bahia. Teatrólogo, historiador, jornalista, tradutor, escritor, professor, fotógrafo e revisor. Fui seu aluno na Escola de Teatro da UFBA na disciplina história

do teatro. Era uma pessoa simples e amável. Em 1992 encenei uma peça infanto-juvenil de sua autoria: O pássaro preto e a namorada. Fizemos uma temporada no então Teatro Santo Antônio, hoje Martim Gonçalves. Em 1993, fizemos uma temporada no antigo Teatro Maria Bethânia e em escolas públicas e privadas de diferentes bairros de Salvador. Nelson de Araújo influenciou muitos artistas baianos, dentre esses destacam-se Orlando Senna e Glauber Rocha. E considerado tão importante quanto Jorge Amado e João Ubaldo Ribeiro. *(Depoimento dado em entrevista ao autor).*

Múltiplo e inquieto, prof. Nelson de Araújo enveredou por outras linguagens artísticas, tais como: o vídeo, a música e a fotografia. De suas participações em produções nestas linguagens, podemos citar: Som e

Voz da Bahia (1968) como editor do disco; na direção dos documentários A Baía de Tinharé (1973), Garimpos e Garimpeiros da Bahia (1974), Frederico Edelweiss (1976, ao lado de Getúlio Vargas Menezes) e O Último Major (1971). Recebeu, em 1969, menção honrosa pela foto Carroussel, no II Salão Baiano de Fotografia Contemporânea.

Na década de 1990, produz ainda o livro A História de Duas Famílias e no ano seguinte sai a sua novela Santa Inquisição na Bahia (1991), publicada pela Editora Nova Fronteira, baseada nos episódios da primeira visitação do Santo Ofício,   Bahia, em 1591.

Em 1992, produziu O Amor Amargo de Belira e Roque, e começou a sua última obra, Os Sinos do Pilar, cujos originais foram preparados pouco antes de sua morte em 07 de abril de 1993. A obra só foi publicada pela



Editora da UFBA em janeiro de 1999. Em 1997, o Instituto Baiano do Livro lançou o volume de estreia da série Conversa de Editor, intitulado Editoração, Ato de Amor ao Livro, em que divulga a palestra que Nélson de Araújo proferiu na abertura do I Encontro de Editoração da Bahia, em setembro de 1990.

De toda a produção intelectual de Nelson de Araújo, que deve ser revisitada e melhor entendida para que obtenha a repercussão que merece, não há como não destacar o volume de sua História do Teatro, presente em qualquer indicação bibliográfica de um bom curso de teatro. Já foi apontado por inúmeros pesquisadores e críticos que a sua proposta revela um ineditismo na abordagem historiográfica do teatro e traduz a ideia que tornou-se o eixo e pilar central do seu pensamento

acerca de nossa realidade teatral. Não sem razão, o livro é referência em muitos trabalhos acadêmicos, em teses de graduação, pós-graduação e seminários. Seleccionamos aqui uma dessas visões sobre a obra marcante do professor apresentada pelo também Prof. Tiago Herzog escrevendo sobre História do Teatro:

O que torna radical a proposta do livro é o fato de que a produção tradicional brasileira na história do teatro é completamente voltada para os cânones europeus, ainda hoje, principalmente no que diz respeito às divisões estilísticas e temporais, importadas da história da literatura. Além disso, as definições de arte teatral são, até o presente momento, aristotélicas. Partindo da apresentação do livro, para Néelson de Araújo, o teatro mundial acontece de forma sincrônica, ou seja, de alguma

maneira, fatos que se dão na Europa reverberam nas Américas e na África. Mas para que isso seja identificado é necessário que a maneira de se conceituar teatro seja ampliada (*HERZOG, 2017, sem página*).

Modestamente impresso, numa tiragem de 1000 (mil) exemplares (em 1978), pela Fundação Cultural do Estado da Bahia, o livro obtém uma segunda edição em 1991, revista pelo autor, devido à grande aceitação pelos cursos universitários. Na apresentação, o autor assume algumas lacunas existentes na primeira, pelas quais trabalhou para mitigar e ao final da apresentação fala da crise no setor, afirmando que:

(...)...a palavra crise, insistentemente usada em relação ao teatro do Ocidente e às suas sociedades, não é senão a que o autor encontrou nas melhores fontes para caracterizar o

período de 1975 a 1980. Se de 1980 até 1991 ela mais se aplica a sociedades do Terceiro Mundo, deduza o leitor porque acontece (ARAÚJO, 1978, p. 16).

Porém, é na primeira edição que o próprio autor oferece a sua visão e a forma de abordagem do fenômeno teatral em sua obra:

Todas as tentativas de definição do teatro convergem para um ponto comum onde são eliminadas as dificuldades do terreno da gênese e natureza: o teatro é a comunhão de um público com um espetáculo vivo. Vale dizer por excelência uma arte em comunidade e de comunidade. Quase unânime também é a admissão da sua origem dentro dos rituais religiosos; o que não é senão aquela sua primeira qualidade vista de outro ângulo (ARAÚJO, 1978, p. 45).

As ideias, proposições e pesquisas

de Prof. Nelson de Araújo seguem motivadoras e provocadoras de novos processos tanto na academia quando fora dela, prova de que sua vida e sobretudo sua obra permanecem vivas na dinâmica da cultura, fonte de inspiração para novos mergulhos nas formas dramáticas populares como a seiva de nossas raízes mais profundas.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Néilson de. História do teatro. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1978.

ARAÚJO, Néilson de. Duas formas de teatro popular no Recôncavo Baiano. Salvador: O Vice-Rey, 1979.

ARAÚJO, Néilson de. O teatro do pobre: notas da cultura popular.

Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1982.

<http://blogdogutemberg.blogspot.com/2006/11/nlson-de-arajo.html>

<https://artepensamento.com.br/item/o-nacional-e-popular-na-cultura-brasileira-teatro/>

<https://infonet.com.br/blogs/aos-19-anos-da-morte-de-nelson-de-araujo/>

[https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1487590683\\_ARQUIVO\\_textocompletoThiagoHerzog.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1487590683_ARQUIVO_textocompletoThiagoHerzog.pdf)

## Paulo Atto

Produtor cultural, diretor teatral e dramaturgo desde 1984, atua como curador, gestor e consultor em projetos de arte e cultura. Autor dos livros *Desmontando Shakespeare*, *Atto em 3 atos & memórias da Censura* e *A Travessia do Grão Profundo* (Prêmio Selo João Ubaldo Ribeiro). Participou em programas, festivais, seminários sobre artes cênicas e cultura em diversos países. Dirigiu mais de 30 espetáculos. Diretor artístico do Núcleo Caatinga da Cia Avatar e do Festival de Teatro da Caatinga. Membro associado da SGAE – Sociedad General de Autores y Escritores de España, membro fundador da RIA – Rede Ibero-americana de Animação socio-cultural e da REI – Red Escena Ibero-americana.









Apóio Operacional



**GOVERNO  
DO ESTADO**

SECRETARIA  
DE CULTURA

SECRETARIA DE CULTURA DA  
BAHIA

SECRETARIA DE  
CULTURA



**ARQUIVO NACIONAL**  
**BRASIL**  
SECRETARIA DE ARQUIVOS